

O que se deve pedir à escola

Irene Estevão de Oliveira *

A partir do início deste século, muitos pensaram que a Escola — desde a maternal até à universitária — devesse dar prioridade à educação, colocando o ensino em segundo plano.

Esta posição, a rigor, é bastante ilógica. O *ensino* só tem sentido se contribuir para *educar*.

Eventualmente, podem-se ensinar coisas negativas ou erradas; mas nenhuma escola ou professor, dignos desses nomes, ensinam o erro ou orientam mal seus alunos de forma consciente ou deliberada.

Os mestres e as instituições educacionais visam aperfeiçoar os educandos, desenvolver-lhes a personalidade, ajustá-los ao mundo em que vivem e prepará-los para enfrentar o incerto porvir.

Como estas são as reais e eternas finalidades da educação, é evidente que o ensino (ou seja, o *aspecto sistemático* da educação) procura atender a tais finalidades, embora, às vezes, o faça de forma precária e claudicante.

* Sub-reitora de ensino de graduação e corpo discente da Universidade Federal do Rio de Janeiro — UFRJ; secretária executiva do Conselho de Coordenação de Ensino e Pesquisa da Fundação Getúlio Vargas — FGV/CONCEP.

Do que dissemos, conclui-se que, se a escola quer educar, deve e pode fazê-lo através do *ensino* que ministra. Não se ensina em detrimento da educação, já que o verdadeiro ensino é uma das modalidades da própria educação.

Aceitas estas premissas, fica-se surpreendido quando alunos, e mesmo alguns professores, desejam minimizar o esforço didático da escola, preferindo que esta multiplique suas funções e passe a ser também um centro cultural e recreativo. Nossa surpresa aumenta quando ouvimos dizer: “urge introduzir na escola um vasto programa de atividades culturais e recreativas”.

E por que tal surpresa?

Para respondermos a esta pergunta, convém considerar, em separado, os dois aspectos: o *cultural* e o *recreativo*.

Como todas as criações humanas são elementos integrantes da cultura, tudo o que a escola ensina é obviamente *atividade cultural*. É evidente que na linguagem popular a palavra “cultura” expressa apenas certos traços, complexos ou padrões dessa mesma cultura: a religião, a filosofia, a literatura, as belas-arts... Todavia, para o cientista social tudo o que o homem criou ou venha a criar é manifestação cultural. Da cultura fazem parte todos os conhecimentos, todas as idéias, todas as formas de agir, todas as crenças, todos os valores que os homens construíram em grupo. Do ponto de vista científico, tanto é “cultura” um belo poema, quanto qualquer técnica primitiva de construir um abrigo ou de caçar um animal.

Quanto ao “recreativo”, este varia ao infinito, de acordo com as características individuais. Para uns, uma partida de futebol ou uma briga de galos é altamente divertida. Para outros, a diversão poderá ser uma caçada, uma pescaria, um desfile de escola de samba, um baile, uma reunião familiar, a leitura de um romance, um concerto sinfônico, e assim por diante.

Poderá, então, a escola proporcionar recreação a todos os seus alunos? E será isto necessário quando esses mesmos alunos vivem

em uma comunidade que mantém clubes, cinemas, teatros, salas de concertos, estádios de futebol, parques de diversões, várias estações de TV?

Parece-nos que, no mundo atual, o problema não é *divertir* as crianças, os adolescentes e os jovens. Ao contrário, o problema é ajudá-los a se “desligarem” um pouco de todas essas distrações, a fim de que se possam concentrar no estudo ou no trabalho, na parte do dia destinada a tais atividades.

Há, por certo, problemas relacionados com a recreação sadia, e com a boa utilização do lazer. Este é um problema social, para o qual se voltam vários grupos e várias instituições, entre as quais a escola se há-de situar. Mas sempre em caráter supletivo ou complementar, e jamais querendo substituí-las.

Se esta nossa posição pode ser criticada, por outro lado tem o apoio de grandes pensadores contemporâneos e de renomados educadores.

Entre estes, citamos o Dr. Robert L. Ebel, professor da Faculdade de Educação da Universidade de Michigan, vice-presidente do Educational Testing Service (EST), e editor da *Encyclopedia of Educational Research*:

“Não duvidemos nunca do poder da educação para o aperfeiçoamento humano. Mas não cometamos o erro também de supor que as escolas podem e devem incumbir-se da solução de todos os problemas do mundo... Se as escolas colocarem sobre os ombros os encargos do mundo, tenderão a negligenciar as tarefas específicas de treinamento, instrução e educação, que constituem sua responsabilidade especial. A tarefa de auxiliar a aprendizagem é suficientemente provocadora, e suficientemente importante para ocupar o tempo de todas as escolas e para consumir-lhes toda a energia e todos os recursos.

Acreditar que a inteira responsabilidade pela auto-realização individual, ou pelo ajustamento pessoal, ou pelo caráter ético, ou pela reconstrução social deva ficar com as escolas é tão presunçoso quanto insensato.”